

# OS CUS DE JUDAS E TERRA SONÂMBULA: UMA ANÁLISE COMPARATIVA SOBRE A PERSPECTIVA DA CONDIÇÃO HUMANA NA VISÃO DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES E MIA COUTO

**Isaiás dos Santos da Cunha**  
(Saint Alcuin of York Anglican College - Mestre)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<b>Isaiás dos Santos da Cunha</b> é graduado em Letras – UEA/CESP, pós-graduado em Língua Portuguesa e Literatura – FACIBRA/PR, pós-graduado em Ensino de Língua Portuguesa – FATEC e mestre em Ciências da Educação – PPGCE/CHILE, além de ser pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos – NEPAM-Ufam/CNPq. E-mail: <a href="mailto:isaiassantos454@gmail.com">isaiassantos454@gmail.com</a>

RESUMO	ABSTRACT
O artigo é resultado de uma análise comparativa entre as obras da Literatura de Língua Portuguesa “Os cus de Judas”, de António Lobo Antunes, e “Terra Sonâmbula”, de Mia Couto. Operas que ocasionam uma abordagem genérica sobre as guerras ocorridas em Luanda e Moçambique, países que constituem o continente africano, falantes do português de Portugal e colonizados pelos lusitanos. O presente estudo é de natureza bibliográfica e a análise dialogada é pautada sob os pressupostos de Bardin (2009), e tem por objetivo fazer uma análise das duas obras, abordando as condições humanas, a pobreza e como é exposta a guerra sob a ótica dos dois autores. Para a confecção teórica da pesquisa utilizou-se autores como Maxwell (2006), Cardoso (2004), Campos (2012), Ribeiro (2004) e (1999).	The article is resulted of a comparative analysis among the works of the Literature of Portuguese Language Judas" asses, of António Lobo Antunes, and "Somnambulistic Earth", of Couto he/she Meows. Operas that cause a generic approach about the wars happened in Luanda and Mozambique, countries that constitute the African continent, speakers of the Portuguese from Portugal and colonized by the Portuguese. the present study is of bibliographical nature and analyze dialogued her is ruled under the presuppositions of Bardin (2009), and he/she has for objective to do an analysis of the two works, approaching the human conditions, the poverty and as the war is exposed under the two authors' optics. For the theoretical making of the research it was used authors as Maxwell (2006), Cardoso (2004), Campos (2012), Ribeiro (2004) and (1999).

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Peleja; Literatura; Análise; Condição de vida.	Peleja; Literature; Analyze; Living conditions.

## 1 INTRODUÇÃO

A partir da guerra e seus relatos, este trabalho propõe-se a realizar uma análise dialógica entre *Os cus de Judas*, do autor português António Lobo Antunes, e *Terra Sonâmbula*, do moçambicano Mia Couto. Obras que discutem a Guerra Colonial, além de retratarem as desgraças, como a miséria e a fome, considerando todos os males que esse marco histórico trouxe tanto para Luanda, como para Moçambique, países que integram o continente africano e foram cenários dessa monstruosa guerra.

Tomando como pressuposto esse ângulo, pretende-se construir uma análise dialógica, com respaldo da investigação de caráter bibliográfico, entre as duas obras, destacando como é que os autores retratam a guerra em seus relatos, uma vez que a literatura pode ser vista como um documento histórico, já que essas pelejas foram encobertas, escondidas. Embora as figuras de autor e historiador possam se confundir, nos amparamos em Walter Benjamin (2012) quando retratamos que a Literatura e o escritor possuem uma função próxima à de um historiador; entretanto, o escritor ultrapassa as fronteiras da história e abre inúmeras possibilidades através do poder da palavra.

Os relatos presentes nas obras nos direcionam a uma perspectiva de descrição desses cenários de diversas infelicitas, frutos de batalhas, para a vida daquelas populações ali presentes, tudo por conta de interesses pessoais, uma vez que Portugal não aceitava a descolonização. Partindo dessa conjectura, o presente estudo surge como proposta de reflexão e amostragem de cenários propostos pela guerra de Luanda e Moçambique, reiterando a Literatura de informação enquanto ferramenta proeminente a se compreender cenários entre o passado e futuro. Entretanto, o presente estudo se caracteriza enquanto natureza bibliográfica (SEVERINO, 2008) e a análise dialógica entre as obras é pautada sob os pressupostos de Bardin (2009), concernentes à análise de conteúdo manual, uma vez que a proposta gira em torno de analisar o conteúdo da obra e dispor de uma análise comparativa para se chegar a uma 'verdade'.

## 2 A VISÃO DA GUERRA RETRATADA EM OS CUS DE JUDAS E TERRA SONÂMBULA

António Lobo Antunes e Mia Couto, escritores de renome da Literatura de Língua Portuguesa, apresentam relatos e comiserações sobre as Guerras em Luanda e Moçambique. Marcos históricos, afanados, mas resgatados através da narrativa de personagens criados pelos autores. Ante isso, consideramos que, respaldados em Pensavento (2004), tanto a Literatura como a História são maneiras de elucidar o contemporâneo, idealizar o acontecido, ponderar o amanhã.

Essas duas ciências, história e literatura, empregam-se de táticas retóricas para pôr em formato de narrativa os acontecimentos que se propõem a abordar. Ambas são maneiras de simbolizar temas que são relacionados à sociedade da época em que são designadas. Em certas ocasiões fundem-se os papéis de historiador e escritor; entretanto, o escritor, através da literatura, predispõe de um leque de possibilidades, o sortilégio da palavra. Aspecto presente em *Os Cus de Judas* e *Terra Sonâmbula*.

Do que eu gostava mais no Jardim Zoológico era do ringue de patinação sob as árvores e do professor preto muito direito a deslizar para trás no cimento em elipses vagarosas sem mover um músculo sequer, rodeado de meninas de saias curtas e botas brancas, que, se falassem, possuíam seguramente vozes tão de gaze como as que nos aeroportos anunciam a partida dos aviões, sílabas de algodão que se dissolvem nos ouvidos à maneira de fins de rebuçado na concha da língua. Não sei se lhe parece idiota o que vou dizer mas aos domingos de manhã, quando nós lá íamos com o meu pai, os bichos eram mais bichos, a solidão de espaguete da girafa assemelhava-se à de um Gulliver triste, e das lápides do cemitério dos cães subiam de tempos em tempos latidos aflitos de caniche (ANTUNES, 2003, p. 1).

É nessa configuração que se inicia a obra de António Lobo Antunes *Os cus de Judas*, publicada em 1979 — portanto, cinco anos após a Revolução dos Cravos. Romance que logo teve notoriedade em meio à crítica; não por evidenciar a imagem de Portugal que se saiu vitorioso após a Revolução, mas por trazer à tona os traumas deixados pela guerra colonial ocorrida na África. Além disso, ajudou a romper com o silêncio existente sobre esse evento.

Segundo Crossariol (2010), foi no início do século XX que ocorreu um dos fatos de maior destaque na história portuguesa: o início da República em 1910, posteriormente seguido da implantação de um regime ditatorial liderado por Antônio de Oliveira Salazar e conhecido como Estado Novo.

A partir dessa perspectiva Maxwell (2006) comenta que apesar de lacas fascistas quão a norma trabalhista de suspensão de paralisações infundida em Mussolini e a insensível chefatura confidencial, o Estado Novo era fundamentalmente um regime imperial católico. Um centenário e meio posteriormente da última administração com mão de ferro em Portugal, o Marquês de Pombal, Salazar sustentou o equilíbrio contrabalançando inteligentemente preocupes rivais — acanhados lavradores e mercadores, amplos donos de terra e empreendimentos de porte (muitas delas familiares). Entretanto, o regime também abriu mão de temíveis instrumentos de repressão. A polícia política alastrou seu artificioso controle por todo o país, recorrendo a uma rede de colaboradores e espões. Nada se podia fazer contra a perseguição.

Tomando como suposto, observa-se que a tortura, o silêncio e a repressão faziam

parte desse contexto, e que manifestações de violência eram comumente aplicadas a todos aqueles que se mostravam contrários ao regime de Salazar. Na própria obra de Antunes, pode ser destacado trecho em que o mesmo faz referência ao ditador: “O espectro de Salazar pairava sobre as calvas pias labaredzinhas de Espírito Santo corporativo, salvando-nos da ideia tenebrosa e deletéria do socialismo” (ANTUNES, 2003, p. 4). Nos PALOPs, a situação não era diferente. Qualquer atitude contrária à política colonial, então adotada, era rapidamente repreendida e silenciada, para que não fizesse parte dos registros da História.

A partir dessa perspectiva, Antunes (2003) faz outra referência a esse momento de opressão da ditadura:

[...] pertença à dolorosa classe dos inquietos tristes, eternamente à espera de uma explosão ou de um milagre, qualquer coisa de tão abstrato e estranho como a inocência, a justiça, a honra, conceitos grandiloquentes, profundos e afinal vazios que a família, a escola, a catequese e o estado me haviam solenemente impingido para melhor me domarem, para extinguirem, se assim me posso exprimir, no ovo, meus desejos de protesto e revolta (ANTUNES, 2003, p. 122).

Em *Terra Sonâmbula* (2007), Mia Couto emprega como pano de fundo para seu enredo a guerra civil ocorrida em Moçambique. Ao desenvolver esta obra Couto ‘desmascara’ o sofrimento vivido durante a guerra civil, que foi, assim como as marcas deixadas pela descrita por Antunes, escondida por ser um tema extremamente ‘vigado’ e até ‘silenciado’ por aqueles que detinham o poder e que impõem sobre a sociedade a tarefa de esquecer o passado doloroso. Percebe-se, dessa forma, que Couto ‘tece’ a narrativa do livro agregando em suas páginas registros históricos de um dos momentos mais sombrios da história moçambicana, reavivando na memória de todos os sentimentos e os sofrimentos vivenciados no período da guerra civil.

Em uma entrevista para a repórter Elisa Andrade Buzzo, publicada no *Digestivo Cultural* em 14 de setembro de 2006, Mia Couto revela que:

Uma coisa que me aflige, que me aflige muito, estes dezesseis anos de guerra, perdeu um milhão de pessoas e nós somos só dezessete milhões, portanto foi um momento sofrido um momento de luto. Nós ainda não fizemos o luto e de repente Moçambique esqueceu-se, se fores hoje a Moçambique ninguém fala do que passou. É uma esponja que passou ali, não há resquícios. E isso não é bom, isso significa que nós perdemos, que aquilo deixou de ser nosso, nós temos que ter acesso àquela memória. E os escritores podem ter aqui um outro papel ao escrever, ao abrir portas, ao fazer uma espécie de catarse sobre esse momento (COUTO, 2006, p. 4)

A partir do relato infere-se a confirmação do autor de que no decorrer da obra sua

intenção é expor a realidade de guerra a partir da visão de quem mais sofreu com esta: o povo de Moçambique. Mostrar a realidade tal e qual se apresentou, para que sirva de fato como um resgate da memória daqueles que já esqueceram, ou insistem em esquecer, deste período. Por isso o primeiro aspecto que se percebe nos personagens de Mia Couto é o desejo de se desfazer de alguma maneira das lembranças trazidas do passado, como neste trecho:

O miúdo tinha sido levado ao feiticeiro. O velho lhe pedira para que tudo fosse retirado da cabeça dele.

– Pedi isso por causa é melhor não ter lembrança deste tempo que passou.

Ainda tiveste sorte com a doença. Pudeste esquecer tudo. Enquanto eu não carrego esse peso... (COUTO, 2007, p. 125).

Neste trecho em que Tuhair conta ao menino Muindinga o motivo dele não recordar seu passado, torna-se visível o modo como Couto trata o desejo, comumente existente no povo Moçambicano, em querer esquecer ou se ‘livrar’ das memórias advindas da guerra, visto que esta representa um grande trauma para a sociedade daquele país. O progresso sobre o preço da destruição do passado transformando o mundo em ruínas nos remete a Walter Benjamin, no ensaio *Sobre o conceito da história*, quando afirma:

(...) O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. (...) Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. É o que chamamos de progresso (BENJAMIN, 2012, p. 226).

Partindo do pressuposto de Benjamin, nota-se que Mia Couto faz questão de pontuar no trecho acima, e em outros momentos da narrativa, essa característica dentro da obra. Essa gana pelo esquecimento também está representada pelos próprios cadernos de Kindzu, escritos pela necessidade de se desfazer do passado como se este fosse uma maldição que precisasse ser afastada. No entanto, ao mesmo tempo em que Kindzu tenta se desfazer dessas lembranças, acaba deixando vivas as recordações para que outros como, por exemplo, Tuahir e Muindinga compartilhem delas.

Neste ponto encontramos uma possível mensagem do autor vinculada aos cadernos de Kindzu que é a de escrever para se libertar de questões mal resolvidas, questões que devem ser lembradas e que devem ser apresentadas mesmo a contra gosto para que tenham, enfim, um desfecho. E apresentar essas questões referentes aos efeitos da guerra sob a população é algo que tanto Mia Couto quanto Antônio Lobo Antunes

desenvolvem durante suas narrativas. Em relação a isso, Cardoso (2004) *apud* Campos (2012) relata que preservar a memória e contar o que é indizível é enfrentar nossos próprios fantasmas, é superarmos um remorso que não queremos admitir a existência.

Na narrativa de Antunes o que se verifica é a descrição da “nação, de que os soldados [portugueses] são espelho, não só como um corpo doente, mas como um espírito esgotado e bloqueado” (RIBEIRO, 2004, p. 260). A partir dessa perspectiva, pode-se abordar que a ditadura Salazarista transformara Portugal em um lugar que haveria uma desconstrução total. E é nessa visão que Antunes constrói críticas ao governo de Salazar, descrevendo em sua obra como foram aqueles anos vivendo em um lugar denominado pelo próprio autor como *Os Cus de Judas*, por ser abandonado, precário entre outros malefícios. Tal aspecto é encontrado nessa descrição do autor:

Senhoras idosas vestidas de azul, com tabuleiros de bolos na barriga, ofereciam travesseiros mais poeirentos do que as suas bochechas folhadas, perseguidas pelo fastio pegajoso das moscas. Cães esqueléticos de retábulo medieval hesitavam entre a biqueira dos empregados e as salsichas que sobravam dos pratos para o chão à laia de dedos supérfluos, luzidios da brilhantina do óleo (ANTUNES, 2003, p. 1).

Outrossim, destaca-se que Portugal, desde a implantação do regime militar, havia mudado. Essas mudanças são descritas pelo autor através de impressões e sensações como as de um ritmo fluente, linguagem metafórica e sugestões surrealistas, a estranheza que os bichos e os frequentadores do zoológico lhe causavam. Lembrando-se, em seguida, de sua família: a casa em que cresceu. Após essa afirmativa, pode-se fazer uma abordagem de como era a guerra na visão do autor.

Antunes (2003) relata que:

Em Mafra, sob a chuva, vi correr os ratos entre os beliches na tristeza desmesurada do convento, labirinto de corredores assombrados por fantasmas de furriéis. Em Tomar, onde os peixes sobem do Mouchão para vogarem ao acaso pelas ruas em cardumes cintilantes, construí Jerônimos de paus de fósforo admirados pelas escleróticas amarelas dos paraquedistas com hepatite (ANTUNES, 2003, p. 5).

Nos relatos do autor encontra-se que desde o trajeto nos países africanos até chegar a Luanda, o país que era o seu destino, o mesmo já relata que os lugares tinham uma atmosfera de medo e miséria, pois é no capítulo C que o autor começa a descrever aquele cenário em que estava vivenciando:

Luanda começou por ser um pobre cais sem majestade cujos armazéns ondulavam na umidade e no calor. A água assemelhava-se a creme solar turvo a

luzir sobre pele suja e velha que cordas podres sulcavam de veias ao acaso. Negros desfocados no excesso de claridade trêmula acocoravam-se em pequenos grupos, observando-nos com a distração intemporal, ao mesmo tempo aguda e cega, que se encontra nas fotografias que mostram os olhos voltados para dentro de John Coltrane quando sopra no saxofone a sua doce amargura de anjo bêbedo, e eu imaginava adiantes dos beiços grossos de cada um daqueles homens um trompete invisível, pronto a subir verticalmente no ar denso como as cordas dos faquires. Pássaros brancos e magros dissolviam-se nas palmeiras da baía ou nas casas de madeira da Ilha ao longe, submersas de arbustos e de insetos, nas quais putas cansadas por todos os homens sem ternura de Lisboa ali vinham beber os últimos champanhes de gasosa, à maneira de baleias agonizantes ancoradas numa praia final, movendo de tempos a tempos as ancas ao tirmo de *pasodoble* de uma angústia indecifrável (ANTUNES, 2003, p. 7).

Compreende-se que Luanda era um lugar que se encontrava em condições precárias. Antunes (2003) nos expede que aquele lugar em que estava vivendo junto com os seus companheiros, um cenário prestes a se transformar na guerra, permanecia tomado pelas agruras da vida, e que a sobrevivência neste tipo de local era de extrema dificuldade. No decorrer da leitura da obra destaca-se que o autor vai detalhando minuciosamente como era a vida naquele lugar que o mesmo considerava infernal, haja vista que, além das dificuldades cotidianas, ainda existia um agravante que era a distância familiar que se encontrava em Portugal e o medo de perder seus costumes ou sua vida.

Em *Terra Sonâmbula*, o autor nos direciona também para uma vida de desgraça em um cenário de guerra. Podemos destacar na seguinte passagem:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte (COUTO, 2007, p. 1).

Este trecho, que dá início à narrativa, mostra um cenário arrasado pela guerra e retrata os habitantes como sujeitos sem nenhuma perspectiva de vida, sem sonhos e sem esperança, resignados ao destino e aos mandos e manobras da politicagem local. O autor detalha, ao longo da obra, a guerra em cada uma de suas nuances: morte, temor, misticismo, ética, moral e outras características de configuração social, configurando-se, assim, um registro completo de um fato histórico quase sem registros.

Durante toda obra é apresentada a realidade habitada durante a guerra e ficamos, dessa forma, conhecendo as condições precárias de sobrevivência e o homem em sua nova condição não mais de homem, enquanto ser humano, mais de fera na busca de sobrevivência; o homem perde sua humanidade em prol de sua proteção. E isto fica

evidente no trecho da obra a seguir: “Ela continuou a falar das mães, maneira como elas faziam no campo. Fiquei, a saber, que havia mães que roubavam a comida dos filhos e, no meio da noite, lhes tiravam a manta que os protegia do frio” (COUTO, 2007 p. 108).

Neste trecho compreendemos a percepção de perda da representação de cuidado e proteção característicos das mães dando lugar ao instinto e a busca desesperada pela vida, “roubavam a comida dos filhos” para que elas próprias não morressem de fome; a miséria trazida pela guerra às converteu em verdadeiros animais que agem por impulso, sob o único propósito de saciar suas necessidades.

Outro aspecto que também reforça essa ideia de animalização do homem no contexto da guerra, presente na obra de Couto (2007), é a questão da banalização da morte. Durante uma guerra, a morte torna-se algo comum para os que nela estão de alguma maneira ligados, por isso percebe-se que os indivíduos retratados por Mía em *Terra Sonâmbula* não cultivam mais pelos mortos os mesmos sentimentos que eram comuns antes do começo da guerra civil:

O morto ali ficou, na berma da estrada todo o dia. Na manhã seguinte ainda estava no mesmo lugar, louvado pela moscaria. Vendo bem, o cadáver descuidado no passeio não escondia com tudo resto. Simbolizava aquilo que a vila se tinha tornado: uma imensa casa mortuária. Ao meio-dia um grupo de soldados veio remover o corpo. Arrastou-lhe pelos pés, ao longo da estrada. Aquele era o funeral que cabia ao anónimo desvalido: poeirando pela rua, as moscas zunzinando, contratadas carpideiras dos ninguéns (COUTO, 2007, p. 71).

A conformação feita pelo autor acerca de um cadáver esquecido na estrada “louvado pela moscaria” nos direciona a ideia de animais em igual situação. A guerra em Moçambique roubou de muitos dos seus habitantes, além da vida, o direito aos rituais fúnebres, próprios da cultura daquele povo. A morte torna-se algo tão frequente que os mortos são tratados como verdadeiros animais.

Relacionado, na obra de Antunes (2003) também é descrita as dificuldades enfrentadas em meio a tanta dor, angústia e perdas. O autor busca aproximar sua narrativa o mais próximo da realidade possível:

A cada ferido de emboscada ou de mina a mesma pergunta aflita me ocorria, a mim, filho da Mocidade Portuguesa, das *Novidades* e do *Debate*, sobrinho de catequistas e íntimo da Sagrada Família que nos visitava a domicílio numa redoma de vidro, empurrado para aquele espanto de pólvora numa imensa surpresa (ANTUNES, 2003. p. 15).

Com base nas palavras do autor, pode-se atrelar o fato de Antunes ‘tecer’ uma narrativa detalhada sobre a guerra, com o fato de ele haver participado deste momento histórico, e assim destacaremos esta obra como um documentário histórico, entretanto em



forma literária, assim como o autor Mia Couto(2007) faz em *Terra Sonâmbula*. Em relação a este aspecto da obra de Antunes, Leal (2007) faz a seguinte observação:

A sua obra é crivada de cicatrizes de guerra, o que confere a ela a marca indiscutível da chamada literatura de testemunho, não no primeiro sentido que lhe é dado, no pragmatismo de um gênero circunscrito aos relatos produzidos por sobreviventes da *Shoah* ou dos *testimonios* latino americanos, mas por que possui a particularidade de ser constituída por uma narrativa onde vida e texto são indissociáveis (LEAL, 2007, p. 127).

A partir dessa perspectiva da autora, pode-se abordar que *Os cus de Judas* foi escrito para relatar a guerra e as diversas atrocidades que nela ocorreram, como o fato de que para defender o interesse dos governantes da época, os soldados portugueses deviam matar e até morrer, uma vez que eram obrigados a servir a sua pátria, tanto, que Antunes (2003), chega a citar Camões e *Os Lusíadas* em uma passagem de sua obra, e o mesmo acaba por perguntar se o que estava fazendo era pela pátria ou por interesses pessoais dos superiores.

No trecho a seguir da obra *Os cus de Judas* temos um 'quadro' de como era a guerra na perspectiva dos soldados que nela lutava, como eram suas condições de vida, e quais seus maiores desafios:

[...] à porta do posto de socorros, estremunhado e nu, vi os soldados correrem de arma em punho na direção do arame, e depois as vozes, os gritos, os esguichos vermelhos que saíam das espingardas a disparar, tudo aquilo, a tensão, a falta de comida decente, os alojamentos precários, a água que os filtros transformavam numa papa de papel-cavalinho indigesta, o gigantesco, inacreditável absurdo da guerra, me fazia sentir na atmosfera irreal, flutuante e insólita, que encontrei mais tarde nos hospitais psiquiátricos, ilhas de desesperada miséria de que Lisboa se defendia cercando-as de muros e de grades, como os tecidos se previnem contra os corpos estranhos envolvendo-os em cápsulas de fibrose. (ANTUNES, 2003, p. 19)

Essa descrição acima faz alusão ao que estava acontecendo naquele cenário tão horrendo de guerra e total destruição. O autor apresenta as condições precárias que os soldados enfrentavam naquele local por ele denominado como "o caralho da puta que os pariu combinados para nos foderem os cornos em nome de interesses que me escapam, quem me enfiou sem aviso neste cu de Judas de pó vermelho e de areia [...]". (ANTUNES, 2003, p. 15).

Ao alcinhar este lugar, Antunes (2003) deixa evidente a sua angústia e de seus companheiros por estarem em um lugar tão miserável e apavorante, uma vez que estavam lutando por interesses dos políticos. O autor deixa detalhes de como era aquele lugar desprezado, de total abandono, onde a guerra, a miséria, a fome reinavam em sua soberania. Da mesma maneira como Mia Couto descreveu a guerra que destruiu

Moçambique assolando-a com a fome e a miséria que eram agravadas com a ‘politicagem’ existente naquele lugar e perceptível neste trecho da obra:

Depois vieram as estranhas orientações: foram proibidas as danças e cerimónias anexas. Logo-logo começaram murmurinhos: que eram os responsáveis que impediam a boa sorte de acontecerem mais acidentes de navegação. Os chefes, todos eles, eram acusados. Dizia-se que os dirigentes apenas desejavam aproveitar dos donativos, em primeiro e exclusivo lugar. Vozeavam mais ainda: que os chefes faziam riquezas com aqueles produtos (COUTO, 2007, p. 32).

Nesse ínterim, o autor faz uma denúncia da forma como os que detinham o poder traziam para si maiores benefícios e deixavam a maioria da população em uma situação flagelante. Vale aqui a lei do que tem mais poder aquisitivo, já que estes lucram ainda mais com a desgraça do povo. A fome, advinda muitas vezes por essa situação política, é representada dentro da obra de Mia Couto pelo personagem Siqueleto, velho sobrevivente que arrancou todos os dentes, uma vez que o “mal está nos dentes. São os dentes que convidam a fome” (COUTO, 2007, p.38). À primeira vista, a imagem que se cria de arrancar todos os dentes pode soar como loucura, no entanto, o ato de retirada da dentaria não muda em nada a vida do pobre ancião, visto que não os utiliza com frequência já que não come a tempos, configurando-se apenas enquanto mecanismo encontrado para tentar desviar da fome.

Sob a percepção de guerra encontrada em *Os Cus de Judas*, pode-se considerar que a guerra descrita na obra serviu apenas como ferramenta destruidora. Ribeiro (1999) considera que:

Para a história da nossa infâmia e vergonha colectivas, ainda hoje, 25 anos depois, quer no Anexo quer no Lar da Cruz Vermelha, lá encontramos homens que um dia se ofereceram, abnegadamente, à Pátria. Que continua a contemplá-los de forma miserável.” (Ribeiro, 1999: 29) “[...] pelos corredores [do Lar Militar da Cruz Vermelha] vagueiam, uns mais perdidos que outros, todos vítimas de uma guerra de que continuamos a ter vergonha, e tapamos com lençóis, como se faz aos mortos. Mas o lençol, de vez em quando mexe... (RIBEIRO, 1999, p. 38).

Tomando como suposto os vieses de Ribeiro (1999) nota-se que o autor denuncia que os soldados que lutaram na guerra, que se ofereceram para lutar pela pátria, não sabiam que as reais motivações eram de interesses pessoais. Caractere explícito no trecho a seguir na obra de António Lobo Antunes (2003):

[...] os vampiros socialistas que lhes arreganhavam a ameaça tremenda da nacionalização das porcelanas familiares, as tranças de alho esconjuratórias das pagelas da Sãozinha. O pelotão que saía à noite para proteger o quartel, alapado nas matas rasas que cresciam, amarelentas, na areia, torcidas de anemia,

aproximava-se no escuro, passava sob a lâmpada coberta de um *abat-jour* de insetos, dispersava-se sem ruído nas cabanas das casernas, onde a profundidade do sono se media pela intensidade do cheiro dos corpos, amontoados ao acaso como nas fossas de Auschwitz, e eu perguntava ao capitão O que fizeram do meu povo, O que fizeram de nós aqui sentados à espera nesta paisagem sem mar, presos por três fieiras de arame farpado numa terra que nos não pertence, a morrer de paludismo e de balas cujo percurso silvado se aparenta a um nervo de *nylon* que vibra, alimentados por colunas aleatórias cuja chegada depende de constantes acidentes de percurso, de emboscadas e de minas, lutando contra um inimigo invisível, contra os dias que se não sucedem e indefinidamente se alongam, contra a saudade, a indignação e o remorso, contra a espessura das trevas opacas tal um véu de luto, e que puxo para cima da cabeça a fim de dormir, como na infância utilizava a bainha do lençol para me defender das pupilas de fósforo azul dos meus fantasmas (ANTUNES, 2003, p. 22).

Neste trecho, fica evidente a insatisfação e a crítica em relação aos *vampiros socialistas* que sugavam toda a população, usando os mesmos para lutarem por seus interesses pessoais, haja vista que quem sofria eram os pobres soldados e todos aqueles que habitavam naquele país. Antunes (2003) nos direciona sofrimento para com aqueles pobres homens que ali estavam, além de retratar a condição precária que se encontravam. Aqui se pode inferir que o autor faz uma reflexão sobre a condição humana e uma crítica em relação ao descaso daqueles países africanos, dado que Mia Couto (2007) também faz essa abordagem reflexiva sobre a condição humana:

[...] o enfermeiro que me ajudava repetia Caralho caralho caralho com pronúncia do Norte, viemos de todos os pontos do nosso país amordaçado para morrer em Nida, do nosso triste país de pedra e mar para morrer em Ninda, Caralho caralho caralho repetia eu com o enfermeiro no meu sotaque educado de Lisboa [...] (COUTO, 2007, p. 23)

Antunes (2003) retrata sobre a agonia em estar naquele lugar miserável e de total abandono. No prosseguir da sua narrativa, o autor sugere que a guerra estava trazendo danos psicológicos para si, devido a constante exposição às visões de desgraça. Seus companheiros pediam-lhe que o mesmo desse a eles alguma doença, já que preferiam a morte a ter que suportar as marcas que a guerra deixaria; conforme descrito neste segmento:

– Uma doença, doutor – insistia o tenente –, anemia, leucemia, reumatismo, cancro, bócio, uma doença seca, uma doença de merda que me passe à reserva: o que fazemos nós aqui? Você já se perguntou o que fazemos aqui? Pensa que alguém nos agradece, não, porra, escute lá, pensa que alguém nos agradece? (ANTUNES, 2003, p. 31)

A guerra é, portanto, apresentada como fato que só causa mortes, perdas,

sofrimento, inquietação, opressão e, principalmente, a destruição. A partir disso, infere-se que, tanto em *Os Cus de Judas* como em *Terra Sonâmbula*, a guerra só trouxe destruição, miséria e agravou ainda mais a situação de países africanos. Exterioridade bem explícito neste trecho da obra de Couto (2007):

Nem isto guerra nenhuma não é. Isto é alguma coisa que ainda não tem nome. Se explicou: antes fosse uma guerra a sério. Se assim fosse teria feito crescer o exército. Mas uma guerra-fantasma faz crescer um exército fantasma, salteado, desnorteado, temido por todos e mandado por ninguém. E nós próprios, indiscriminadas vítimas, nos íamos convertendo em fantasmas. - No fundo da latrina não pode haver guerra limpa (COUTO, 2007, p. 64).

O autor corrobora nessas linhas toda a insatisfação do povo em relação à guerra em Moçambique, uma vez que as suas motivações já haviam a muito se perdido no tempo. Partindo do suposto, compreende-se que as obras de Antunes e Mia Couto protagonizam juntamente com outros autores pertencentes ao período de Ditadura um período que, segundo Moisés (2008), foi um período incansável e brilhante de atividade. E com a culminância da ditadura: “[...] Portugal, foi pródiga em obras narrativas que tentavam, [...], acertar contas com o passado ditatorial, anterior à Revolução e, quanto à forma, há fortes evidências de que a ficção passa por um processo sensível de transformação [...]” (BRIDI, n.d., p. 82). A literatura encarregou-se de apresentar as mazelas do povo, de mostrar a realidade, sem se esquivar e sem esconder o passado, mesmo que este seja “nebuloso”.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A guerra é sempre um fato destruidor. No entanto, quando estes eventos passam são inúmeras vezes escondidos, afanados e todo sofrimento por eles proporcionados são disfarçados. Nesse sentido, como descrevera Walter Benjamin (2012), a literatura abrolha como um verdadeiro registro histórico e detalhado desses fatos, ou seja, é utilizada para não deixar cair no esquecimento a miséria, a dor e todos os malefícios advindos da guerra.

Partindo desse suposto e compreendendo a literatura enquanto mimese — imitação da realidade —, salientamos neste estudo a protuberância da arte literária concernente ao seu compromisso político social, uma vez que o escritor detém uma autonomia para narrar, explicitar e apresentar à sociedade fatos históricos que, muitas vezes, são afanados e atirados na linha do tempo do esquecimento.

Nesse sentido tanto Mia Couto quanto António Lobo Antunes, ao utilizarem as guerras de Luanda e Moçambique, como pano de fundo para suas narrativas,

‘desmascaram’ sofrimentos vividos pela coletividade de países africanos, apresentando, assim, marcas deixadas pelo prélio, e não obedecendo a ordem de ‘silêncio’ dada por aqueles que detêm o poder. Essa exterioridade mostra, evidentemente, que a arte literária é mais do que meramente um atrativo cultural e que seu compromisso é aquém dessa possibilidade; é um instrumento de transformação social através da arte da palavra, da denúncia, do discurso.

A partir desse aspecto retrata-se a protuberância da Literatura enquanto arte da informação, propagação de conhecimentos e difusão de saberes concernentes a marcos históricos, respaldados sob o caráter da arte de denúncia e reflexão ante a condição humana. Contudo, espera-se que este estudo seja de caráter promissor a externar novos levantamentos e pesquisas futuras do artifício literário enquanto ato de abordagem perante realidades históricas/reflexivas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, António Lobo. **Os cus de Judas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BRIDI, M.V. **A palavra empenhada: Panorama da Literatura Portuguesa**. n.5. São Paulo: Duetto, s/d.

CAMPOS, Josilene Silva. **Literatura e história: as memórias da guerra civil moçambicana nos romances de Mia Couto**. In: Anais do IV Simpósio Nacional do CIEAA - II Simpósio Nacional De História - I Colóquio da UEG na Escola, 2012.

COUTO, Mia. **Terra Sonâmbula**. Disponível em: [www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/.../Livro-Terra-sonambula.pdf](http://www.casadasafricas.org.br/wp/wp-content/.../Livro-Terra-sonambula.pdf). Acesso em: 15 set. 2020.

CROSARIOL, Isabelita Maria. **Identidades em questão em os Cus de Judas, de António lobo Antunes**. PUC-Rio. Disponível em: [http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Resumo Abstract\\_Isabelita\\_Crosariol.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Resumo Abstract_Isabelita_Crosariol.pdf). Acesso em: 10 set. 2020.

LEAL, Lara. **O longo aprendizado da agonia: a poética lírica de Lobo Antunes**. Revista Gândara, Rio de Janeiro, n.2, p. 127-137, 2007.

MAXWELL, Kenneth. **O império derrotado: revolução e democracia em Portugal**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MOISÉS, M. **A Literatura Portuguesa**. 35 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 2 ed.

RIBEIRO, Carla Patrícia. **O heróico cinema português: 1930-1950**. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 1999, p. 1-14. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9246.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

RIBEIRO, Margarida Calafate. **Uma história de regressos**. Império, guerra colonial e pós-colonialismo. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed., São Paulo: Cortez, 2008.



Título em Inglês:

*THE CUS OF JUDAS AND EARTH SONAMBULA: A  
COMPARATIVE ANALYSIS ON THE PERSPECTIVE OF  
HUMAN CONDITION IN THE VIEW OF ANTÓNIO LOBO  
ANTUNES AND MIA COUTO.*